

**EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE:  
TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM FOCO  
EXPERIENCES AND PRACTICES OF A BEGINNER TEACHER:  
THIRD YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION IN FOCUS**

Fernanda Oliveira Costa Gomes<sup>5</sup>

**RESUMO**

O presente artigo trata-se de um relato de experiência. A temática abordada se refere aos professores em início de carreira, suas descobertas profissionais e o sentimento de sobrevivência (ou choque da realidade). O objetivo deste trabalho consiste na discussão e reflexão em relação às experiências de uma professora em início de carreira em turmas do terceiro ano do ensino fundamental. As discussões serão embasadas teoricamente a partir dos estudos de Huberman (1992) que realizou um estudo sobre o ciclo de vida profissional dos professores, identificando em cada fase características próprias da profissão docente. Especificamente, serão utilizados, dos estudos de Huberman, os conceitos de descoberta e sobrevivência.

**Palavras chave:** Professores iniciantes. Relatos e Experiências. Terceiro ano do ensino fundamental 1. Descoberta. Choque da realidade.

**1 INTRODUÇÃO**

No presente artigo será apresentado um relato de experiência de uma professora iniciante, atuante no primeiro ciclo do ensino fundamental, na rede municipal da cidade de São Paulo. A temática aborda o início na profissão docente, enfatizando a fase de descoberta e a fase de sobrevivência, próprias do início de carreira.

O objetivo deste trabalho consiste em debater e refletir as experiências, desafios e ações de uma professora do ensino fundamental 1 no seu início de carreira.

Os conceitos de descoberta e sobrevivência, este último também conhecido como choque do real, foram desenvolvidos por Huberman (1992) e serão utilizados aqui para analisar e discutir teoricamente os dados apresentados.

Huberman (1992) realizou um estudo sobre o ciclo de vida profissional dos professores, onde identificou e conceituou fases recorrentes na vida profissional de

---

<sup>5</sup> Doutora e Mestre em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica. PUC/SP. Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. Atua como professora do primeiro ciclo do ensino fundamental na rede municipal de educação da cidade de São Paulo. Tem experiência como docente no ensino superior em cursos de Pedagogia.

professores, desde o início de carreira até seu término. Particularmente, os estudos deste autor foram importantes na compreensão e no desenvolvimento das pesquisas, por mim realizadas, sobre a temática ‘professores iniciantes’ realizados em nível de mestrado, doutorado e estudos subsequentes.

O artigo está dividido em dois momentos, primeiramente será apresentado o relato da professora, descrevendo as suas memórias sobre o início na profissão, e em seguida, realizar-se-á uma discussão teórica sobre a temática com base nos relatos da professora.

## **2 O INÍCIO DE CARREIRA: UMA EXPERIÊNCIA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

O texto a seguir é um relato escrito em primeira pessoa por se tratar de uma descrição pessoal sobre as vivências na profissão docente.

- **Escola 1: Indisciplina e violência**

O ano letivo de 2019 se iniciou com uma greve dos professores, que reivindicavam melhores condições de trabalho. Neste período estava em meu segundo ano como professora da rede pública da cidade de São Paulo. Recordo que optei por trabalhar na primeira semana e, na semana seguinte, decidi aderir à greve.

Eu não fazia ideia, mas tal decisão acarretaria consequências nas relações entre meus pares, pois de um lado, o grupo que aderiu a greve me acolheu e estabelecemos uma boa relação profissional, contudo, os professores que não aderiram à greve me tratavam com indiferença, parte deste segundo grupo se compunha, justamente, pelos professores do primeiro ciclo do ensino fundamental. Essa situação se estendeu durante todo o ano letivo, me fazendo viver no ambiente escolar uma situação de solidão.

Esse fator de socialização entre pares foi um dificultador a mais em todo processo de iniciação na profissão, entretanto, neste artigo, a ênfase se dará nas experiências vividas na ação da docência numa turma de terceiro ano do ensino fundamental I, no que se refere ao trabalho pedagógico com os alunos.

A turma do terceiro ano era composta por um grupo de 35 alunos, destes 35 apenas 5 estavam alfabetizados. Nesta turma, havia três alunos com deficiência, um

deles com síndrome de down, e os outros dois eram autistas, sendo que um era calmo e dócil, enquanto o outro aluno se apresentava agressivo e agitado.

O trabalho com as crianças deficientes foi desafiador, mas ainda não era a maior dificuldade enfrentada naquela turma. Os casos de alunos com problemas de violência foi causador de situações em nível surreal. Eu me lembro do sentimento de sufocamento, desespero e de impotência.

Havia um aluno que desestruturava toda a organização da escola e esse aluno estava no terceiro ano, minha turma. Resumindo as ações desta criança podemos destacar, que embora fosse um menino de 8 anos de idade, ele não manifestava respeito por seus colegas, professores ou funcionários da escola.

A atitude desse aluno impressionava pelo grau de agressividade. Suas ações mais frequentes consistem em agressão física aos colegas, havendo circunstâncias de agressão a professores e funcionários, depredação de brinquedos e objetos da escola, ameaças contra professores e alunos da escola. A agressividade se manifestava tanto nas palavras quanto nas ações.

De fato, parecia um “caso perdido”. Era angustiante conversar com aquele menino e não surtir efeito nenhum. Mas, um dia ele ficou tão nervoso que disparou a seguinte frase: “Eu já falei que eu quero morar com meu pai, porque eu não gosto da minha mãe. Eu estou falando e vocês não fazem nada” (ALUNO).

Naquele momento eu entendi, era um pedido de socorro. Conversamos com a mãe que admitiu viver em condições desfavoráveis, onde o menino presenciava uma realidade repleta de miséria, violência e tráfico de drogas. Tal situação parecia incomodar a criança que insistia não querer ficar com a mãe, manifestando o desejo de morar com seu pai. A mãe destacou que embora o menino citasse constantemente o pai, ele não o conhecia.

Na condição de professora, realizei diversos relatórios de desenvolvimento para encaminhar aos órgãos competentes, na esperança de que eles pudessem auxiliar de alguma forma, mas sem sucesso.

Insistia dia a dia, na convivência com aquela criança, comecei a colocá-la próximo a minha mesa e ali o orientava em atividades de alfabetização. No decorrer do ano fui aprendendo a lidar com aquela criança. Ele já não saía sem permissão, o que para ele era comum. Já não batia em seus colegas com frequência.

Houve um dia em que ele perguntou: “Professora. Nós vamos sair de férias. Quando voltar às aulas, você vai estar aqui? Eu vou voltar para sua turma?” (ALUNO).

Ele se referia às férias do mês de Julho, portanto, a resposta era positiva. Expliquei que durante todo aquele ano eu seria a professora da turma, entretanto, no ano seguinte não saberia dizer.

E ele me respondeu: “Ainda bem! Porque já me acostumei nesta escola e com você” (ALUNO).

Naquele momento eu senti um acalento, uma esperança, já era possível perceber alguns avanços nas ações dele.

Aquele aluno estava imerso numa situação surreal, e isso era perceptível, mas existem situações em que a escola tem poder limitado e restrito. Considerando a situação de extrema vulnerabilidade, econômica, social, psicológica daquele menino, o trabalho realizado foi surtindo um efeito a partir da convivência, das conversas onde repetidamente apresentamos as regras, e apoio pedagógico ao educando. O resultado não o levou a perfeição, mas houve uma mudança significativa em seu comportamento.

Esse era o caso mais difícil na turma do terceiro ano, mas não era o único. Naquela turma havia três crianças com deficiência. Um aluno com síndrome de down, que apresentava dificuldades na fala, usava fraldas e também apresentava traços de autismo. Arrastava e subia nas carteiras, se jogava no chão e não tinha percepção de situações de perigo. Os alunos autistas eram um o oposto do outro. Enquanto o primeiro era calmo, carinhoso e realizava todas as atividades, o segundo, era extremamente agressivo. A mãe deste aluno era presente e atenciosa, e conhecendo as reações da criança permanecia no lado de fora da sala, aguardando qualquer crise que pudesse acontecer.

Com relação aos alunos AEE, o grande auxílio vinha dos demais alunos, que sempre se disponibilizaram a ajudar. Sabe-se que nestes casos é imprescindível ter a presença de uma estagiária, ou estagiário, durante as aulas. Durante o ano, esse auxílio só chegou por volta do mês de agosto.

Essa turma era a típica turma com aglomerados de problemas. Agitada, falante ao extremo, de difícil comportamento, mas mesmo assim o trabalho realizado resultou em 27 alunos alfabetizados, leitores e capazes de interpretar, calcular e interagir entre as diferentes disciplinas escolares. Esse resultado foi fruto de atividades e correções na

lousa, onde todos os alunos participavam, atividades de interpretação de texto, jogos, brincadeiras, exercícios de matemática cotidianamente.

Considerando de onde saímos e aonde chegamos, e considerando todos os percalços do trajeto, terminei aquele ano satisfeita com meu trabalho.

- **Escola 2: o início da profissão docente e educação especial**

No ano seguinte, 2020, fui trabalhar numa outra escola. Nesta nova escola me foi atribuída mais uma vez uma turma de terceiro ano. A característica desta turma consistia no distanciamento considerável entre o desenvolvimento dos alunos, pois grande parte dos alunos apresentava dificuldades no processo de aprendizado, e por outro lado existia uma pequena parcela do grupo que apresentavam um desenvolvimento acima da média.

O primeiro grupo de crianças estava numa fase pré-silábica com e sem valor. Isso significa que não estavam alfabetizados, apresentavam grandes dificuldades na execução das atividades e se dispersam facilmente. Já o segundo grupo consistia numa minoria alfabetizada, que escreviam fluentemente e utilizavam letras bastão e também cursiva, escreviam textos de aproximadamente 15 linhas, sabiam organizar as atividades no caderno e liam fluentemente.

A rede municipal da cidade de São Paulo, fundamenta-se na teoria da Psicogênese (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986) para realizar a identificação do nível de aprendizagem dos alunos. Portanto, eram realizadas sondagens com a finalidade de avaliar o processo de alfabetização de acordo com as hipóteses de aprendizagens.

Nos primeiros dias de aula daquele ano identifiquei a situação, e seria uma experiência interessante. A turma era calma e percebi grandes possibilidades. Parecia bom demais para ser verdade.

Entretanto, nos dias seguintes conheci mais dois alunos, eram dois alunos AEE (Atendimento Educacional Especializado). O primeiro tinha um laudo de TDAH (Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), era agressivo, e sua agressividade consistia em atacar seus colegas e professores com socos e chutes. Com relação a esse aluno, se algo o incomodasse ele partia para agressões físicas a toda e qualquer pessoa que se aproximasse. Já o segundo aluno era um caso mais delicado, segundo a mãe, o menino apresentava um problema neurológico onde apresentava um *retrocesso mental*

(descrição da mãe do aluno). Esse aluno cuspiam nos professores e nos colegas de sala, corria todo tempo, gritava, batia a cabeça na parede, jogava água nas paredes, e em situações extremas agredia fisicamente seus colegas.

A grande dificuldade nesta turma era manter o primeiro calmo e conter a agitação do segundo, pois do contrário seria impossível ministrar aulas para o terceiro ano.

Na escola havia um grupo de professoras que auxiliavam e substituíam professores quando necessário. Eram três professoras e elas faziam revezamento para me ajudar em sala de aula. As professoras permaneciam com o aluno mais agitado, enquanto o outro permanecia próximo a mim.

Houve dias em que as professoras auxiliares precisaram substituir outros professores em outras turmas, nestes dias era praticamente impossível a realização do trabalho. Em um destes casos fiquei no fundo da sala com um dos alunos. Mas, o outro se irritou com um dos colegas e começou a agredir seus colegas. Fui separar a briga e com isso o outro aluno começou a correr pela sala, gritando, cuspidando e jogando os materiais dos colegas pelo chão.

O sentimento único exaustão, frustração e desânimo. O cansaço não era somente mental, era físico também, porque para conter o aluno agressor era preciso abraçá-lo e afastá-lo dos demais alunos, na tentativa de proteger a integridade física dos demais.

A professora que trabalhava na sala ao lado percebendo a situação chamava a coordenação para auxiliar, porque nem mesmo para chamar ajuda não havia tempo, pois não era possível deixar os alunos na sala sozinhos e sofrendo agressão.

Em uma destas situações a própria diretora tentou acalmá-lo, mas sem sucesso, pois ele a agrediu com chutes e socos. Ao perceber que não seria possível acalmá-lo no ambiente da sala de aula, a diretora retirou o menino da sala. No caminho para a diretoria a professora de informática chamou o menino e ele correu para encontrá-la. Naquele dia a professora responsável pela sala de informática relatou que aquele aluno só se acalmava ao ser levado para a sala de informática. Ou seja, em todas as crises agressivas do aluno o recurso utilizado até o momento era levá-lo para a sala dos computadores.

Entretanto, comecei a perceber que o aluno teria identificado tal mecanismo e se utilizava de tal artifício para ir à sala de informática. A estratégia utilizada foi inverter a

situação. Todo o dia, no início da aula, conversava aquele aluno e explicava que ele só iria à sala de computadores se comportasse bem, isso é, sem agredir seus colegas.

Gradativamente aquele aluno foi percebendo que teria que utilizar de outros recursos para reagir às frustrações, e que, não mais poderia agredir seus colegas. A estratégia surtiu um resultado positivo.

O ano de 2020 foi um ano atípico, pois uma pandemia assolou o mundo e as aulas foram suspensas no início do mês de março. Posteriormente, as aulas retornaram de maneira remota, com a utilização de aulas *online* e plataformas virtuais.

O tempo que passei com essa turma foi consideravelmente curto, mas intenso.

Há um sentimento que prevaleceu nesta segunda experiência no terceiro ano e foi a exaustão. Havia em mim uma vontade e até um compromisso de fazer um trabalho de excelência, mas as condições eram surreais.

### **3 DISCUSSÃO E REFLEXÃO**

O início de carreira na profissão docente é um momento de descobertas, de expectativas, de se sentir parte de um grupo profissional.

As pesquisas sobre o início de carreira apontam para um fato recorrente na vida profissional dos professores, fato este, que se remete a uma idealização da profissão. Encontramos na literatura científica, dados que apresentam o entusiasmo dos professores iniciantes que almejam realizar um trabalho de excelência, de serem reconhecidos por seus colegas e também por alunos. Profissionais que saem dos cursos de graduação com ideias metodológicas para a sua atuação nas escolas, entretanto ao entrarem na escola começam a perceber e identificar os percalços, dificuldades e adversidades no percurso do trabalho.

Na pesquisa de Gomes (2014) tais fatores são percebidos, pois a pesquisa analisa os dados a partir das idealizações, frustrações e realizações na profissão docente. Nesta mesma pesquisa um dos professores pesquisados mencionou que idealizava a profissão a se imaginar como um “o professor”, portanto seria um professor que faria a diferença e que conseguiria executar todos os conhecimentos adquiridos, entretanto o professor se decepcionou com a realidade da escola.

Sabia que seria uma profissão de percalços, um serviço no qual se rema contra a maré em muitos momentos. Mas óbvio que, idealizava

demais a prática, ficou um ponto de frustração da realidade e de meus limites como professor. Vamos ao longo dos anos de graduação aprendendo tanta teoria e desconstruindo tantos vícios de prática educativa, que idealizamos fazer tudo diferente, sermos “O professor”. Acreditava, por mais que fosse crítico das dificuldades em dar aula, que iria fazer o diferencial em parte que o problema da educação pública era de professores pouco inovadores, e que isso tudo era uma idealização, culpa em parte, inclusive, de algumas leituras feitas na graduação distanciadas da verdadeira educação, aquela que ocorre na sala de aula brasileira” (PROFESSOR ANDRÉ) (GOMES, 2014, p. 73)

Huberman (1992) conseguiu identificar que para cada fase na carreira existem características que se repetem na vida dos professores. Em sua pesquisa foi possível identificar que a maior parte do grupo de professores relatou passar por situações semelhantes.

Para o autor as fases no ciclo de vida dos professores são:

- O início na carreira docente
- Fase de estabilização
- Fase de pôr-se em questão
- Fase de serenidade ou distanciamento
- Desinvestimento (sereno ou amargo)

Os conceitos do referido autor, que serão utilizados aqui, são referentes ao início de carreira, mas àqueles que se interessarem por tal assunto vale a leitura completa do trabalho de Huberman. No tópico a seguir aprofundar-se-á a discussão sobre os conceitos de descoberta e sobrevivência (choque do real).

#### **4 DESCOBERTAS E SOBREVIVÊNCIA (CHOQUE DO REAL)**

Com relação ao início na carreira docente, Huberman (1992) identifica as fases de descoberta e sobrevivência como fases recorrentes na vida profissional de professores. O conceito de descoberta se refere ao “entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os seus alunos, o seu programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional” (HUBERMAN, 1992, p. 39).

Já o aspecto da sobrevivência é traduzido pelo autor como “Choque do real”, que consiste:



na confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: o tatear constante, a preocupação consigo próprio (Estou-me a aguentar?), a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas, com material didático inadequado, etc. (HUBERMAN, 1992, p. 39).

A fase de descoberta é um momento em que os professores se encontram, geralmente, animados com o início da profissão, numa expectativa de aplicar seus conhecimentos e de se sentirem parte da comunidade e do grupo profissional. Fase esta, de inúmeras aprendizagens. Contudo, a profissão docente vem apresentando inúmeros desafios que desgastam o profissional e, em alguns casos, causa um sentimento de decepção e frustração que pode ser identificado como choque de realidade.

O relato de experiência apresentado no item anterior retrata este momento, ou seja, um momento em que a realidade não atendeu as expectativas da professora.

As situações vividas pelos professores no ambiente escolar são as mais diversas, e são permeadas pelos problemas sociais, culturais, econômicos, estruturais, e que, portanto, estão além do pedagógico. Mas, mesmo assim, grande parte dos professores buscam trabalhar da melhor forma possível para realizar um bom trabalho.

Esse movimento poderia ser comparado a um “remar contra maré”, pois é desgastante, cansativo e muitas vezes solitário. Os estudos que fundamentam o trabalho docente auxiliaram a professora a resistir, a entender que o possível foi feito, entretanto é preciso que as instituições políticas, organizacionais também façam sua parte. Se um professor não tem essa consciência, poderá cair na ilusão de que é ele o incapaz, quando na verdade existem casos em que é necessária uma equipe inteira para encontrar solução.

A fase de descoberta foi para a professora iniciante uma fase de analisar, de compreender o lugar e as circunstâncias para então agir dentro do possível.

Pois, os problemas sociais como: os vários tipos de violência, a fome, a falta de habitação, a ausência de condições mínimas para uma vida digna alteram os cenários e lançam grandes desafios no trabalho dos professores. Portanto, o exercício de pensar, analisar e teorizar as práticas são essenciais no aperfeiçoamento da profissionalização do trabalho docente. E isso acontece desde o processo de formação inicial na graduação até a formação continuada que acontece no interior das escolas públicas nas reuniões de formação.

Portanto, a fase de descoberta é um momento de descobrir a realidade da escola, seus desafios, as relações sociais que podem ajudar ou dificultar o processo, mas é também o momento de pôr em prática o conhecimento sobre a análise social, política e cultural na qual se vive, para então desenvolver estratégias de superação e resistência, compreendendo que o poder público também deve realizar sua parte neste processo, pois existem questões que vão além do pedagógico.

No que diz respeito à educação inclusiva não há dúvida que ela é necessária, importante, imprescindível na sociedade e na formação dos alunos. De todos os alunos, pois a presença em sala de aula dos alunos que apresentam alguma deficiência é importante não só para eles, mas é importante também para os demais alunos. Já que a convivência entre os diferentes leva a uma aprendizagem que não se ensina apenas com livros e tarefas, e sim, se ensina com o desenvolvimento e exercício do respeito, tolerância e empatia. Um aluno não-deficiente ao conviver com alunos AEE aprendem que todos temos capacidades. Capacidade de: fazer, agir, sentir, ajudar e contribuir para a sociedade.

Entretanto, para que este trabalho aconteça de veras efetivo são necessárias condições, materiais, pessoal, formação e reconhecimento profissional. Existem casos de escolas em que os professores não tem estagiários, materiais, estrutura para trabalhar com os alunos com necessidades especiais. Não há condições de um professor, de uma professora ensinar um grupo com mais de 30 alunos, sem nenhum auxílio pedagógico ativo, sem materiais adaptados.

Portanto, é necessário que a lei nº 13.146 de julho de 2015 seja efetivamente cumprida.

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL, 2015).

Destaco enfaticamente que, os alunos com deficiência NÃO atrapalham os demais alunos, NÃO atrapalham a escola pública ou particular, mas o que atrapalha é lançar toda a responsabilidade da inclusão sobre o ombro do professor. A inclusão deve ser pensada nas políticas educacionais, no momento da construção das escolas, na elaboração do material curricular, na elaboração dos instrumentos de avaliação; que não poderiam ser os mesmos utilizados com os demais alunos.

E seria importante destacar que para resistir e persistir no trabalho docente seria importante não se sentir só, o que infelizmente é muito comum. E para isso, seria preciso rever as políticas educacionais, para que a organização estrutural da escola, de fato, atenda as demandas e necessidades do processo de ensino e aprendizagem. Em outras palavras o professor é cobrado das mais diferentes atribuições, seria saudável que os responsáveis pela elaboração das políticas chamassem para si a responsabilidade do êxito ou fracasso da educação no Brasil.

Registro aqui minha manifestação para o fato de que queremos realizar nosso trabalho com excelência e comprometimento, entretanto precisamos de condições físicas, psíquicas, sociais e pedagógicas para realizá-las. Quero uma escola pública com ênfase verdadeiramente na formação integral do indivíduo e não apenas uma formação para o mercado de trabalho.

Se quisermos verdadeiramente que a educação alcance seu ápice democrático, levando as crianças, jovens e adolescentes ao acesso a uma educação integral, humana e completamente emancipatória é necessário ouvir o que têm a dizer os profissionais da educação, é necessário saber o que passam os professores nas salas de aula das escolas públicas deste país.

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero surpreendente, se não francamente injusto, que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes (GOODSON, 2013, p. 71).

Mas, a voz dos professores é uma voz que incomoda muita gente, mais especificamente àqueles que defendem o *status quo* desta sociedade desigual. Lawn (2001) afirmou que o professorado é uma classe que causa pânico no Estado,

A existência de professores que não se adequam às identidades oficiais causam pânico. Da mesma forma, as ideias que os professores têm, e as pessoas às quais se associam, também causam pânico. A história do ensino em Inglaterra, anterior a 1920, sugere que o simples facto de os professores existirem enquanto “grupo numeroso” era suficiente para que fossem olhados com desconfiança pelos líderes políticos, não pelo que faziam, mas pelo que representavam. Historicamente, os professores eram vistos como um problema quando os guardiões do Estado sentiam que eles constituíam um grupo numeroso, um colectivo, fora do seu controle e que se tornavam demasiado laicos (i.e. perturbadores da ordem natural, devido simplesmente à sua existência!), ou quando expressavam, ainda que discretamente, opiniões acerca do seu trabalho de um modo que os seus empregadores consideravam provocador. Se a linguagem surgisse, de alguma forma, associada a um emergente movimento trabalhista, então o pânico e a análise crítica aumentavam. Geralmente, o que parecia de fato contar era a natureza simbólica das suas ações, não a realidade da ação, por si só. Era apenas o que os professores pareciam estar a fazer! A identidade é construída, quer contra, quer a favor de algo (LAWN, 2001, p. 123).

Embora não o tenha citado anteriormente, gostaria de citar como exemplo o professor, Paulo Freire. Ele foi um professor que incomodou tanto, que foi exilado, considerado um perigoso subversivo. Incomodou tanto, que mesmo após sua morte ele continua incomodando.

Incomoda por quê? Porque os professores que têm consciência de classe, que não são manipulados pelo sistema poderão formar pessoas capazes de analisar criticamente o sistema, e isso é perigo para quem pretende manter a estrutura atual da sociedade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A área educacional é composta por uma complexidade tamanha. Existem muitas situações que vão se maquiando como naturais, e a consequência disso é o não questionamento. As experiências vividas pelos professores nas salas de aulas no Brasil precisam ser debatidas. É necessário registrar as experiências, as práticas e as manifestações dos professores, pois existem conhecimentos e debates necessários a se realizar.

Diariamente, existem professores que vivenciam situações surreais no ambiente escolar. E são vozes sufocadas, são histórias não contadas e que se perderão com o tempo. E por esse motivo, é que se fez necessário escrever este relato.

A análise reflexiva teórica partindo da realidade das escolas é, certamente, um campo rico a ser explorado. E com este objetivo que se traz aqui a discussão acerca das vivências dos professores, para que modestamente, possamos aprofundar os debates, estudos e pesquisas sobre a realidade do trabalho docente.

O início de carreira é um momento em que, geralmente, os professores enfrentam as escolas de difícil acesso, com altos índices de violência e com as turmas mais difíceis. Em especial, a realidade brasileira faz com que o choque da realidade seja marcante no início de carreira dos professores. Seria preciso pensar também na inserção destes profissionais na escola, pois o sentimento de solidão é um dificultador na ação dos profissionais. Um grupo empático, profissionalmente unido pode amenizar os impactos da realidade sobre o iniciante. Temos que considerar que o bom trabalho de um professor também depende da saúde mental, psicológica e emocional dos mesmos, mas a realidade escolar somada a solidão, insegurança, e o sentimento de sobrevivência pode levar esse iniciante à exaustão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência. Brasília, DF, 2015.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GOMES, F. O. C. 2014. **As dificuldades da profissão docente no início da carreira: Entre desconhecimentos, idealizações, frustrações e realizações**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: As histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, A. (Org). **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (Org). **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora. 1992.

LAWN, M. Os Professores e a Fabricação de Identidades. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp. 117-130, Jul/Dez 2001.